

Dia Mundial do Teatro: Aplausos ou silêncio?

A arte se manifesta de formas diversas evidenciando e reafirmando a pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e coletivos sociais. Dimensão de troca, de relação, de convívio, de sensibilidade, a expressão artística é de fundamental importância para o desenvolvimento social. Nesse sentido, a diversidade artística constitui um precioso patrimônio cultural que deve ser respeitado e consolidado em benefício da construção de uma sociedade mais justa e humanitária.

Hoje, comemoramos o Dia Mundial do Teatro, essa expressão coletiva artística que, essencialmente, é a manifestação da criatividade humana e o substrato da identidade social de um povo: seus hábitos e costumes, seus valores, bem como sua capacidade de apropriação, imaginação, simbolização e crítica da realidade sociopolítica e econômica.

Essa data comemorativa se apresenta como uma oportunidade única para refletirmos sobre este expressivo poder criativo, que incorpora todo o conteúdo sensível do indivíduo e o dimensiona como estética e poesia manifestada de maneira grupal, capaz de promover o distanciamento crítico, a reflexão, o reconhecimento e a resignificação dos seus valores e contextos.

No Dia Mundial do Teatro precisamos acender os refletores para focarmos uma realidade pouco otimista. Embora observamos uma efervescência da produção artística em grupo, o teatro no Brasil convive com um drama nada poético, digno de vaias e objeção. Vivemos o ensaio de uma produção mal-elaborada de políticas públicas para a cultura, centrada fundamentalmente no incentivo fiscal e na ausência do Estado. E ainda, em um outro ato dramático, observamos a prevalência de ações baseadas em uma coerência mercadológica guiada pelo acúmulo e pelo lucro, que em nada atende às especificidades do teatro como um bem simbólico fundamental para o desenvolvimento da democracia.

O tratamento contraditório e insuficiente por parte do poder público delega a função da gestão da cultura para o mercado, criando uma rede privada de interesse meramente especulativo, como única fonte de financiamento e distribuição dos bens culturais. Os polêmicos editais da cultura, por serem instáveis, descontínuos e de critérios imprecisos, estabelecem, quando muito, um sistema precário para atender os interesses promocionais dos governos de plantão.

Cabe lembrarmos que os direitos culturais fazem parte dos direitos humanos e a área das manifestações artísticas é potencial indispensável para qualquer plano de desenvolvimento social. Infelizmente, esse direito vem sendo negado e desrespeitado.

O teatro campineiro não está fora desta realidade. Grupos tradicionais, núcleos de pesquisa artística, artistas e produtores do teatro se empenham, diariamente, na criação e execução de projetos, sustentados unicamente na crença utópica de estarem contribuindo para um mundo melhor, para a construção de uma cultura de paz. Mas, no apagar dos refletores, no fechar das cortinas, entre as coxias e a poeira das rotundas, ou ainda na poluição da rua e das praças, a classe teatral, nesta data comemorativa, não tem nada para comemorar. Campinas não tem hoje uma política pública de cultura capaz de fomentar e incentivar a produção teatral; os poucos teatros públicos estão sucateados e sem qualquer critério de agendamento que possa atender à demanda da criação do município. Não temos um edital de ocupação dos espaços públicos para pesquisa e produção teatral, não temos um prêmio de fomento ao teatro, não temos projetos integrados entre a cultura e educação, não temos, por fim, por parte do poder público, a consciência da fundamental importância de investir em ações que garantam as condições de criação e difusão da diversidade da expressão teatral campineira. Hoje, comemoramos o Dia Mundial do Teatro, nada significativo para aplaudirmos... silêncio.

Fernando Aleixo é ator e pesquisador teatral do Grupo República Cênica